

## O EFEITO SÁDICO PROVOCADO PELAS PERSPECTIVAS JORNALÍSTICA E TESTEMUNHAL NO CONTO “O MONSTRO”, DE SÉRGIO SANT’ANNA

Rodrigo Donizeti Mingotti<sup>1</sup>

**RESUMO:** A análise proposta neste artigo focaliza o caráter estrutural do texto jornalístico e da literatura de testemunho no premiado conto “O monstro”, de 1994, do escritor brasileiro Sérgio Sant’Anna. Abordando os temas da violência moral e criminal no conto, o escritor explora o sadismo e o voyeurismo do público-leitor que focaliza o desejo e o prazer sobre a bestialidade e a dor. Esse efeito de prazer, por sua vez, é resultante da peculiaridade da linguagem jornalística em compromisso com a realidade e a verdade dos fatos, como também do atributo da literatura testemunhal que preza pelo real. Entende-se, a partir dessas acepções, que em “O monstro” operam-se recursos próximos ao factual a fim de demonstrar a posição de interesse sádico do leitor em se conhecer e desfrutar das histórias de violência e horror, seja na narrativa literária, seja na jornalística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Jornalismo; Violência; Sadismo; Sérgio Sant’Anna.

**ABSTRACT:** The analysis proposed in this paper focuses on the structural character of the journalistic text and testimony literature in the award-winning tale “O monstro”, from 1994, by brazilian writer Sérgio Sant’Anna. Addressing the themes of moral and criminal violence in the tale, the writer explores the sadism and voyeurism of the reading public that focuses on desire and pleasure on bestiality and pain. This pleasure effect, in turn, results from the peculiarity of the journalistic language in commitment to the reality and the truth of the facts, as well as the attribute of testimonial literature that values the real. It is understood, from these meanings, that in “O monstro” resources close to the factual operate in order to demonstrate the sadistic interest of the reader in knowing and enjoying the stories of violence and horror, whether in the literary narrative or in journalism.

**KEYWORDS:** Literature; Journalism; Violence; Sadism; Sérgio Sant’Anna.

### Introdução

O escritor carioca Sérgio Sant’Anna (1941-2020) publica em 1994 uma coletânea de contos intitulada *O monstro: três histórias de amor*. Dentre as narrativas, destaca-se aquela que intitula o volume, “O monstro”, estruturada na forma de uma entrevista ficcional concedida à simulada *Flagrante* pelo réu Antenor Lott Marçal, um professor universitário de quarenta e cinco anos acusado de estuprar e matar a jovem deficiente visual Frederica Stucker, de vinte anos, no dia 18 de julho de 1992, em coautoria de sua amante Marieta de Castro, de trinta e quatro anos.

O enredo do conto gira em torno do crime cometido em que o senhor Antenor conta em pormenores os detalhes da violência investida pelas suas mãos e da amante. Segundo o

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: [rodrigo.mingotti@unesp.br](mailto:rodrigo.mingotti@unesp.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7828216139106651>.

entrevistado, Marieta conheceu a jovem, por acaso, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas e a seduziu levando-a até a casa de Antenor, mas sem premeditar tal crime. Frederica, ingênua, como relatado, concordou em se deslocar até o local, pensando na possível amizade. Lá, foi convencida a consumir bebidas e, sem ela saber, drogas, desdobrando-se a situação para uma espécie de orgia entre os três.

Logo nessas primeiras descrições, é exposta a violência à qual Frederica fora submetida, com o professor a molestando sexualmente, após Marieta introduzir cocaína nas narinas da jovem. Diante dos exageros, Marieta não resiste e a mulher tenta reanimá-la repetidas vezes com um tecido embebido em éter – enquanto a violência sexual permanece – mas sem sucesso: Frederica estava morta. Surge então a ideia e a necessidade de se desfazerem do corpo da vítima, que foi deixado em um matagal no Recreio dos Bandeirantes. Passados alguns dias, o corpo da vítima foi encontrado, a notícia se espalhou e Antenor, receoso e não suportando mais guardar esse segredo, diz a Marieta que irá confessar o crime à polícia. Na delegacia, descobre que a amante, receando a prisão, acabara de se suicidar, restando a ele todas as penalidades do assassinato. Já aprisionado, o professor de filosofia concede a entrevista, o seu testemunho, à revista *Flagrante*, especializada em histórias policiais.

A princípio, este conto encaixa-se no gênero policial e jornalístico, mas não somente, pois se aproxima também de uma linha que é a do testemunho na literatura. Contudo, não da maneira tradicional, com o testemunho da vítima ou do sobrevivente, como as narrativas das vítimas de Auschwitz, por exemplo. Pelo contrário, o conto apresenta o discurso testemunhal do agressor, cujas atitudes desenrolaram fatos e acontecimentos trágicos, ou seja, o testemunho parte do sujeito responsável por dissipar o mal. E é nesta construção de Sérgio Sant’Anna que o conto “O monstro” configura-se uma narrativa singular carregada de concepções particulares, não somente peculiares ao gênero conto de final do século XX, como também do século XXI, devido à sua temática, aos fatos abordados e à maneira como foi estruturado.

### **O estilo jornalístico e testemunhal: posição do real**

Sabe-se da possibilidade de comparação existente entre o escritor de ficção e o escritor da informação, visto que, em muitos casos, grandes nomes da literatura também operavam o gênero jornalístico, como era o caso de Machado de Assis, Lima Barreto, José de Alencar, Clarice Lispector, entre outros. No caso de Sérgio Sant’Anna, embora não fora jornalista de

profissão, atuou no mercado como colunista e publicou contos, como o em destaque, que beiram essa linha de linguagem. Daniel Gruber e Juracy Saraiva (2013, p. 1), a respeito da correlação existente entre estas áreas, ressaltam a missão comum entre o escritor literário e o jornalístico “de retratar a realidade por meio de boas histórias”, como é a conjuntura da narrativa de Sant’Anna, cujas acepções e manifestações de sentido o constituem um exemplar peculiar e indispensável do gênero conto da última década do século XX, no cenário brasileiro.

A princípio, cabe ressaltar o efeito de real intentado pelo escritor ao dispor a narrativa na espécie de uma entrevista policial concedida a uma revista de renome. Cria-se no leitor, diante dessa construção, a sensação de estar diante de um fato verídico, um crime factual, como se lê numa reportagem jornalística. Nesse sentido, notam-se descrições minuciosas dos lugares, ações, gestos e impressões pelas palavras do personagem Antenor, que dão uma característica tangível à narrativa, aproximando-a do gênero jornalístico. Assim como as narrativas do Novo Jornalismo perpetuado a partir do século XX, o conto de Sant’Anna faz “mostrar a realidade do mundo sobre outro ângulo privilegiando o relato profundo e subjetivo, que provoque emoções” (LAVORATI; TEIXEIRA, 2009, s. p.), ângulo esse que pode ser entendido de dois modos em “O monstro”: o jornalístico, marcado pela forma de reportagem, a partir do diálogo entre entrevistador e entrevistado e o ângulo testemunhal, a partir das palavras do acusado Antenor.

Do ângulo da estrutura de reportagem, cria-se um certo tipo de narrativa de realidade, em que a referência ao mundo lógico real, estruturante no texto jornalístico, “também está presente em muitos dos registros literários. A diferença está em grande parte no estilo e na forma com que apresentam essa referência ao real” (PONTE, 2004, 19-20 apud LOPES, 2010, p. 2). Dessa maneira, no conto de Sant’Anna, a forma como é disposta a história procura atrair a maior atenção do leitor e, assim, fazê-lo crer que o que está sendo narrado é real, da mesma forma como ocorre no efeito jornalístico, “que está a contar com justeza a realidade” (MENDES, 2001, p. 399 apud LOPES, 2010, p. 3).

Segundo Paula Cristina Lopes (2010), a referência ao mundo real, constituição orgânica que assegura a linguagem e a estrutura jornalística, não está presente somente nesta área, mas também nos monumentos literários. O que os diferencia, dessarte, é a forma e o estilo como essa referência é construída e fornecida: enquanto no texto jornalístico essa realidade é expressa quase sempre do mesmo modo, no teor literário as formas de referenciação ao mundo real são as mais plurais possíveis, com estilos a depender do campo estético ao que o texto se filia. Na vertente estética do Naturalismo e Realismo, por exemplo, conceituados e entendidos na

segunda metade do século XIX, concatena a fidelidade científica nas representações e estruturação das narrativas, prezava-se pela exposição de teses científicas em vigor para assentir o efeito real.

Nessa idealização, a literatura apropria-se, por vezes, de temáticas, acontecimentos, instâncias ou personagens do mundo real para garantir essa referência realista, de modo a causar intenções distintas de leitura e recepção. No caso de “O monstro”, a partir da “fusão da linguagem literária com a linguagem jornalística, fazendo da oposição real/ficcional o eixo de sua narrativa” (ALVES; GONÇALVES, 2010, p. 324), bem como das referências aos crimes contra a ordem pública comumente noticiados em jornais, ao poder judicial investigativo e ao próprio caráter estrutural da entrevista jornalística, faz girar as representações sociais do mundo real e configurar o efeito realístico. Esse recurso utilizado pelo escritor carioca opera, ainda, o exercício tanto intelectual quanto emocionante no leitor (WOLFE, 2005, p. 14), que se depara com a narração do crime cometido, fazendo-o manejar as emoções – que beiram o horror, a curiosidade, o prazer – e as reflexões diante do ocorrido, em justaposição da ordem judicial e moral.

Outro ponto que assemelha “O monstro” da linguagem jornalística é a precisão dos fatos e o detalhamento do ato e dos envolvidos, incluindo todas as informações referenciais como nomes, profissões, idade, locais, circunstâncias e tomadas de decisão, seja na posição do narrador da revista *Flagrante*, portanto inerente ao texto jornalístico:

Em sessão do 2º Tribunal do Júri, em 4 de março passado, no Rio de Janeiro, o professor universitário Antenor Lott Marçal, de 45 anos, após ter sua culpa reconhecida unanimemente pelos jurados, foi condenado pelo juiz Irailton Catanhede à pena de trinta anos de reclusão, pelo estupro e coautoria do assassinato de Frederica Stucker, de vinte anos, no dia 18 de julho de 1992, em crimes que chocaram a opinião pública no país, entre outras coisas porque a jovem e bela Frederica sofria de grave deficiência visual e, ainda drogada por seus algozes, teve reduzidas a zero suas chances de defender-se. (SANT’ANNA, 1994, p. 39).

Seja no ato ilocucionário do indiciado:

ANTENOR: Eu me sentara do lado dela [Frederica] no sofá e a acariciava lentamente, nos cabelos, no rosto, e um pouco mais do que isso, depois que percebi que ela não despertava mas o tempo todo sentia ternura por ela. Sentia também desejo, mas não via ainda como realiza-lo. Marieta ajoelhou-se junto ao sofá e, a pretexto de sentir o coração de Frederica, pôs-se a fazer carícias mais ostensivas nela, sob a manta. Disse para mim, com raiva, mas sempre baixo, que se era isso o que eu queria, era isso o que eu ia ter. Frederica estava mesmo profundamente adormecida, pois não esboçou qualquer reação, nem quando Marieta puxou a manta, desabotoou-lhe a camisa e acariciou os seus

seios. Foi então que Marieta tirou do bolso da túnica um embrulho de celofane, com cocaína bem refinada, e introduziu um pouco de pó nas narinas da moça. (SANT'ANNA, 1994, p. 58).

Essa estruturação, de “narrar uma cena detalhadamente constitui um recurso que, habilmente empregado, atrai a atenção do leitor para determinado assunto ou determinada ênfase em certo acontecimento” (GRUBER; SARAIVA, 2013, p. 2), com isso o autor convoca a atenção do receptor para um ponto de destaque, o qual nada mais é que o crime brutal cometido, logo, a manifestação do mal.

Por outro ângulo, a referência ao real também se assegura a partir da palavra testemunhal disposta no conto, visto que esse tipo de narrativa tende a conceber um excesso de realidade, diante do vivido, da possibilidade de “real” (SELIGMANN-SILVA, 2003). O professor Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 48) aponta ainda para a possibilidade testemunhal não somente daquele sobrevivente de um martírio, mas também de um modo geral, de que “a literatura sempre tem um caráter testemunhal”.

Quando o narrador, Antenor Lott, se dispõe a (re)contar a crueldade ocorrida em sua casa, envolvendo a jovem cega e a amante com ares de psicopatia, ele se põe a refletir sobre o movimento indecoroso praticado por suas ações e atitudes que o levaram a dissipar o mal sobre o mundo real. Assim, através da linguagem, o professor de filosofia reflete o ocorrido, provocando o que se entende por catarse: “Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o ‘indizível’ que a sustenta” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48), e de fato isso se mostra em suas declarações de utilizar-se da entrevista para entender o que verdadeiramente se procedeu:

Mas eu, mas do que todos, estou interessado, a respeito desse caso todo, **em chegar a uma verdade pelo menos relativa. Essa é uma das razões por que concordei em ser entrevistado. Às vezes me parece que certos atos ultrapassam de muito qualquer possibilidade de análise.** Isso pode valer principalmente para uma personalidade como a de Marieta.

[...]

**Mas observando a minha vida da perspectiva que posso ter agora,** o meu destino que considero como cumprido, vejo que a escolha por mim [...] já carregava as possibilidades de um desfecho como esse, embora não necessariamente esse. (SANT'ANNA, 1994, p. 41, grifos nossos).

Para ele, a entrevista o ajuda a enxergar o ocorrido de outros ângulos e perspectivas, mostrando que consigo mesmo ainda haviam questões abertas a serem resolvidas. Dessa

maneira, o conto aponta para a peculiaridade da narrativa de testemunho em relação à resistência à compreensão dos fatos violentos narrados (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48).

Assim, ambas as construções narrativas operadas em “O monstro”, a do jornalismo e da literatura testemunhal, produzem o efeito real na manifestação do mal e, no leitor, o efeito sádico, do prazer em conhecer e observar o crime sucedido, colocando-se no mesmo plano do professor Lott.

### **O efeito sádico: o prazer do leitor<sup>2</sup>**

A posição do real construída na narrativa faz girar uma outra instância: a do prazer, não somente a partir da leitura, mas também o prazer sádico diante do mal recontado pelo assassino que também transfere multifárias sensações no leitor. A partir do relato do personagem criam-se emoções diversas tanto no entrevistador, o repórter Alfredo Novalis, na lógica interna do texto, quanto no leitor que se depara com as descrições do crime cometido, na brutalidade, na frieza de Antenor e no efeito cômico e irônico por vezes estimulado pelo assassino. Em alguns trechos de suas declarações, Antenor promove um certo sentido cômico no leitor, mesmo diante da ideia do crime brutal cometido:

FLAGRANTE: *O senhor diria que as relações sexuais entre vocês eram normais?*

ANTENOR: O que é normal no sexo? Os casais não saem por aí apregoando suas práticas sexuais. Se isso acontecesse, o conceito de normalidade teria de ser muito, muito, esticado. (SANT’ANNA, 1994, p. 47).

ANTENOR: [...] Que Marieta encontrasse uma solução, pois ela procurava dar a tudo um clima de completa normalidade e pediu-me que pusesse alguma coisa para tocar, como se uma reunião prosseguisse naquela casa. Enquanto a música tocava, Marieta disse que ia tomar banho.

FLAGRANTE: *Que tipo de música o senhor pôs?*

ANTENOR: Chet Baker.

FLAGRANTE: *Por alguma razão especial?*

ANTENOR: Sei onde está querendo chegar. Chet Baker, drogas, música, morte [...] mas o disco apenas estava ali às minhas vistas e era de um músico do qual eu gostava. (SANT’ANNA, 1994, p. 64-65).

FLAGRANTE: *Marieta e o senhor foram qualificados de monstros, em vários jornais e revistas, e até pelo promotor. O que acha disso?*

ANTENOR: O promotor defendia uma causa líquida e certa, mas também **era um sujeitinho ridículo, jogando para a plateia. Talvez achará risível o que**

---

<sup>2</sup> Cabe ressaltar que quando nos referimos ao leitor, especificamente neste conto, tratamos de dois tipos: o leitor existente dentro do imaginário da ficção do conto, ou seja, o público-leitor da então *Revista Flagrante*, especialista em reportagens policiais; e o pertencente ao mundo real, leitor-real, do conto de Sérgio Sant’Anna.

**vou dizer.** Marieta não passava de uma criança, sob certos aspectos, infantil até em sua crueldade e egoísmo, muitas vezes **ela dormia com um dedo enfiado na boca e eu podia me enaltecer com isso.** Havia uma espécie de pureza infantil em sua amoralidade. (SANT'ANNA, 1994, p. 73, grifos nossos).

O cômico<sup>3</sup> está presente em suas palavras, principalmente na maneira como se volta para a sociedade e para os envolvidos no caso, ao debochar de questionamentos feitos pelo repórter ou do promotor do processo criminal. Cria-se, também, um certo efeito irônico interno e externo à narrativa, ou seja, no próprio personagem que o entrevista e no leitor que desfruta de suas declarações, respectivamente. O risível também emana de Alfredo Novalis, logo no início da suposta matéria jornalística, na contextualização do caso ao leitor da *Flagrante*, antes de passar à palavra do entrevistado:

O pouco de edição que foi feito na matéria obedeceu a critérios de melhor ordenamento da mesma e obteve a concordância do entrevistado, que introduziu algumas alterações no texto final, **revelando sobretudo preocupações de ordem sintática e de clareza**, para depois colocar sua assinatura em todas as folhas originais. (SANT'ANNA, 1994, p. 40, grifo nosso).

A afirmação da preocupação maior de Antenor em relação à ordem sintática e de coerência, em paralelo com o estupro e assassinato, provoca essa sensação de humor no leitor, que atenua, por vezes, o caráter brutal do ocorrido, ou ainda intensifica o prazer de leitura diante desse mal exposto.

E por tratar dessa concepção, convém destacar o que se entende por Mal na literatura, segundo a filosofia e a teologia. No *Dictionnaire critique de théologie* (2007), no verbete Mal, escrito por Jean-Yves Lacoste e Olivier O'Donovan, entende-se a partir da teologia moral, que mal é aquilo que foge à regra, ou seja, uma má ação praticada, uma ação que não condiz como teria de ser. Similarmente, a filosofia também compreende o conceito de Mal como algo transgressor, que fere o princípio da ética e contraria o código da coletividade. Georges Bataille, filósofo e crítico literário, em *La littérature et le mal* (1957), e Michel Foucault, em *Préface à la transgression* (1963), exploram essas definições de Mal e de transgressão – transposição das leis morais – no âmbito literário, em textos que beiram o sadismo, a imoralidade, a violência, etc. como em Marquês de Sade e Emily Brontë. Analogamente, no conto de Sérgio Sant'Anna,

---

<sup>3</sup> Entende-se por cômico, no contexto da narrativa analisada, a definição de prazer a partir do riso de algo desagradável ou absurdo, como aludiu Aristóteles em sua *Poética*. Para além, no texto literário, o cômico se configura como a harmonia entre ideias ou situações supostamente irreconciliáveis, que produz, de certo modo, o riso. (CASTRO, 2009, on-line).

há uma manifestação implícita e explícita desse Mal teológico e moral, propagado primeiramente pelas ações do personagem Antenor e de sua amante Marieta, como também, pelo próprio leitor que desfruta dos fatos relatados.

A primeira instância do Mal representado se dá pelo acontecimento violento e traumático cometido. O mal se fez presente a partir do estupro e assassinato de uma jovem indefesa e deficiente visual, ferindo os princípios morais coletivos. A violência explícita praticada pelo casal fere gravemente os juízos coletivos sociais, posto que é crime, e assesta a humanidade moral estabelecida. Por outro lado, na instância do leitor, a moral também é corrompida a partir do regalo ao se saber dos acontecimentos que permearam o crime brutal.

A construção conferida pelo escritor, em outorgar voz ao assassino para relatar os fatos ocorridos, dando seu testemunho de uma forma até meio filosófica – visto que Antenor era professor de filosofia – para se tentar compreender os motivos e uma possível justificativa para a brutalidade, coloca o leitor ao lado do agressor. Nesse sentido, Sant’Anna aproxima o “monstro” do leitor, que são colocados de certa forma num mesmo plano, dando a possibilidade ao receptor de experienciar a violência ocorrida, a fim de entender melhor as causas, conseqüências e circunstâncias.

[...] antes do eu procurar reviver os detalhes de um caso que foi exaustivamente tratado pela imprensa, sem eu faltasse alta dose de sensacionalismo, considerou oportuno ouvir Antenor, **pela certeza de contribuir para uma reflexão sobre os mecanismos existenciais e psicológicos eu estão presentes na prática de crimes hediondos como este**, para os quais não pode ser encontrada nenhuma explicação de origem econômica e social. (SANT’ANNA, 1994, p. 40, grifos nossos).

Expande-se, assim, em tentar tecer uma reflexão válida sobre, indo além do sentimento de justiça apenas. Ainda, como sugere Igor Ximenes Graciano (2006, p. 99), assim como ocorre em *Otelo* ou em *Édipo*, para ser possível compreender melhor esse mal manifestado, é necessário colocar-se no lugar do assassino, do violentador, do transgressor, uma vez que o ponto de vista da vítima já é invariavelmente comovente e, dessa forma, desperta um sentimento de horror, de compaixão, de piedade e, por conseguinte, impossibilita a análise dos fatos de mais de um ponto de vista, de maneira imparcial: “Por conta desse poder revelador da narrativa para a compreensão do mal, torna-se premente, ao se querer compreendê-lo, o interesse pelo ponto de vista do assassino, ou, de maneira mais genérica, de quem pratica o mal.” (GRACIANO, 2006, p. 99). Há, assim, no conto, uma empatia entre o leitor e o narrador Antenor que corrobora para uma reflexão sobre o trágico e o acontecimento traumático.



O movimento narrador-receptor para o efeito catártico e reflexivo intensifica, ainda, o prazer do leitor em se colocar diante desse plano do monstro. Georges Bataille, ao incitar a relação de violência e prazer, concatena essa afirmação de sadismo no ato do conhecimento da violência: “Não esquecerei jamais o que há de violento e maravilhoso no desejo de abrir os olhos, encarar de frente o que acontece, o que é. E eu nada saberei sobre o que acontece se nada souber sobre o prazer extremo e a extrema dor.” (BATAILLE, 1981, p. 10 apud BARBOSA, 2017, p. 60).

Não menos importante, essa aproximação elaborada pelo escritor de “O monstro” cria uma espécie de voyeurismo condicionado ao leitor do conto: o leitor é colocado como observador da violência e do Mal e, nessa linha, há um fetiche em ser inserido no local do crime, ao lado do assassino ou aos olhos dele. Conforme Luís Alberto Brandão Santos (2000), essa construção de Sant’Anna do olhar do público sob o objeto narrado, dá ao leitor uma espécie de “olho de vidro”, através do qual é possível observar tudo o que ocorreu, circular brevemente pela cena do crime, pelos pontos de imagem. Contudo, paradoxalmente, há a barreira que o vidro impõe: é possível observar somente aquilo que o narrador, o professor Antenor, seleciona e discorre sobre. O tipo de narrador adotado, em primeira pessoa, nesse caso ora homodiegético, ora autodiegético, também faz girar suspeitas acerca da procedência dos fatos narrados. Sabe-se da existente manipulação do discurso nesse tipo de narrador que pode omitir ou discernir os acontecimentos, o que corrobora para essa barreira imposta pelo olho de vidro.

Por outro lado, o prazer e o voyeurismo estão expressos dogmaticamente na ocasião em que Antenor se pôs a observar Frederica enquanto esta estava no banheiro juntamente de Marieta, tomando banho. A descrição da cena, da possível excitação e a escolha das palavras reforçam o caráter da mixoscopia do réu e o voyeurismo do leitor em querer saber e se atentar aos fatos:

FLAGRANTE: *O que o deixava excitado diante da possibilidade de Marieta e Frederica partilharem o mesmo banheiro?*

ANTENOR: Por se tratar Frederica de uma jovem muito bonita, **desprotegida, eu diria até inocente. [...] a simples aparência disso tornava as coisas muito excitantes.**

FLAGRANTE: *O fato dela não ser muito diferente de uma cega também influía nisso?*

ANTENOR: Sim.

FLAGRANTE: *Foi o que levou a espionar as duas, como já revelou em outras ocasiões?*

ANTENOR: Sem dúvida. Se se tratasse de alguma mulher experiente [...] eu não teria me interessado, mesmo Marieta tendo deixado a porta do banheiro aberta.

[...]

FLAGRANTE: *Não teve receio de ser surpreendido?*

ANTENOR: [...] Frederica parecia confiar totalmente em Marieta e quanto a esta, talvez desejasse ser espionada [...].

FLAGRANTE: *E o que estava se passando no interior do banheiro?*

ANTENOR: Aparentemente nada demais. Quando me coloquei numa posição em que podia observá-las, escondido, Frederica já estava debaixo do chuveiro e era apenas um vulto atrás da cortina. Marieta sentara-se num banco e pude ouvir o que conversavam, pois elas elevavam a voz por causa o barulho do aquecedor e da água caindo. [...] quando Frederica saiu do banho, Marieta a esperava de pé, segurando uma toalha; envolveu a moça com ela e pôs-se a enxugá-la carinhosamente, como se faz com crianças.

[...]

FLAGRANTE: *E como o senhor se sentia observando a moça?*

ANTENOR: Além de **muito excitado**, eu me sentia comovido. Pois Frederica, completamente nua, não se olhava no espelho para secar os cabelos, como faria uma mulher com visão normal. (SANT'ANNA, 1994, p. 51-53, grifos meus).

Mais uma vez, o detalhamento característico da entrevista jornalística e da palavra testemunhal, na composição do conto, revela a expressão de prazer do leitor em saber em pormenores cada nuance no ato do assassinato, reforçando repetidamente a exteriorização do mal e o sadismo do receptor do texto diante deste testemunho detalhado.

O crítico literário Márcio Seligmann-Silva (2005) aponta para essa literatura de testemunho, como na de Sérgio Sant'Anna, o gesto central da tragédia, a passagem da “ignorância” para o “conhecimento” no eixo do depoimento. Dessa maneira, como sugere Igor Ximenes Graciano (2006), o impacto causado no receptor, a partir do testemunho do monstro, faz com que o leitor se deixe levar à reflexão desses acontecimentos e, conseqüentemente, do mal manifestado, por meio da catarse – ocorre a purificação a partir de uma descarga emocional provocada por algum trauma, no caso, o crime de estupro e assassinato. Assim, a reflexão que se faz por meio desse testemunho é a de tentar buscar alguma motivação tanto para o gesto humano, quanto para o mal ocasionado:

Ao se utilizar desses elementos [da narração de cenas repugnantes expondo o local de fala do agressor], a narrativa de Sant'Anna arma-se da situação trágica por excelência: a exposição de cenas que, pelo seu horror, levam à catarse, no sentido clássico dado por Aristóteles, ou à reflexão, em termos mais contemporâneos. Note-se que tanto a catarse quanto a reflexão têm como foco o leitor, que, como receptor dessas cenas, configura-se também como elemento constitutivo do texto, afinal a tragédia em si e a fala de Lott surgem (e têm como justificativa) a compreensão desse outro que vê/lê. (GRACIANO, 2006, p. 106).

É reafirmada, nesse sentido, a colocação do leitor no mesmo plano do monstro, o qual busca justificar os atos causados por Antenor. Tal representação, também, assevera o papel do Mal presente no próprio humano, independente de interferências religiosas ou de qualquer outra ordem, em conformidade com a definição de Hobbes (2014) que defende a tendência natural do homem em ser mau. O réu, inclusive, refuta tais afirmações de fatores externos: “[...] embora eu não descarte inteiramente a possibilidade de que o que chamam de demônio seja um estado virtual da mente humana. Mas **o que se sucedeu por nossas mãos pertence inteiramente ao humano.**” (SANT’ANNA, 1994, p. 79, grifos nossos). Assim entendido, o Mal está nas ações humanas que, ao mesmo tempo, deixam de ser humanizadas, vão se degenerando, se corrompendo, culminando no trágico retratado. Antenor, apresentado como professor de filosofia, dentre as reflexões que faz no curso da entrevista, também apresenta observações dessa existência do Mal e do embate Bem vs. Mal: “A eterna tensão entre o bem e o mal implica necessariamente a existência dos dois. Se existir um princípio supremo, seja como for, a força selvagem da sexualidade e do desejo será da natureza da criação.” (SANT’ANNA, 1994, p. 79). Nessa e em outras declarações que apontam para suas reflexões, é demonstrada a frieza que o personagem sustenta mesmo iminente à brutalidade ocorrida, o que garante também o tom sádico de quem o assiste.

O prazer diante da violência e do mal desfrutados pelo público se legitima com excelência já ao final da entrevista, quando o repórter questiona Antenor sobre a fama de monstro concedida a ele e o entrevistado reafirma sua algidez:

*FLAGRANTE: E como o senhor vê aquela mesma qualificação atribuída ao senhor?*

*ANTENOR: A de monstro? Certo, há o crime monstruoso que cometi. Mas as pessoas dizem isso também por causa da suposta frieza com que confessei tudo. Talvez todos se sentissem menos confundidos se eu me desse o mesmo fim que Marieta ou me refugiasse em justificativas ou mentiras. Se eu me mostrasse desesperadamente arrependido. Mas isso, sim, seria escamotear a verdadeira face desse drama. Não que eu me absolva do que cometi, muito pelo contrário. Simplesmente não quero dissociar-me dos meus atos. Da pessoa que fui, da que me tornei a partir daquilo que fiz. Do meu destino trágico. (SANT’ANNA, 1994, p. 74).*

O próprio Antenor, em sua frialdade ao justificar o mal cometido, condena, implicitamente neste trecho, o público que se interessa por sua história justamente em razão dessa inércia dureza do criminoso em relação ao delito, rotulando-o como monstro. Talvez se ele desse explicações ou se suicidasse o interesse não seria o mesmo, não haveria prazer em conhecer os fatos decorridos. Por fim, para arrematar essa ideia de sadismo do público, na lógica

interna ao texto, o autor Sérgio Sant'Anna constrói, já nas últimas páginas do conto, através das ponderações de Lott, uma sistematização do prazer pela violência com a qual lida e espera não só o leitor – do próprio conto e da Revista *Flagrante* – mas também, de maneira geral e expansiva, a sociedade como um todo.

FLAGRANTE: *É verdade que o senhor recebe cartas de mulheres com propostas amorosas?*

ANTENOR: Sim, recebi cartas do gênero. Mas também maldizendo-me, execrando-me, o que também não deixa de mostrar uma necessidade de se comunicar diretamente comigo.

[...]

FLAGRANTE: *Comentou-se que o senhor pretende escrever um livro contando a sua história com Marieta, Frederica. Isto é verdadeiro?*

ANTENOR: Não, esta entrevista esgota o assunto. Se eu tivesse de escrever um livro, algum dia, contaria alguma história inventada que fizesse bem a mim e às pessoas. Mas de fato, **fui procurado por representantes de duas grandes editoras e despachei os dois. Um deles veio com uma conversa mole de que eu poderia mostrar, no livro, o meu lado humano (Antenor ri sarcasticamente)**. O outro, pelo menos, não procurou escamotear os objetivos comerciais da proposta e disse-me, apenas, que **minha história com Marieta, Frederica, seria de grande interesse para os leitores. É verdade e não é por outra razão pela qual a sua revista está me ouvindo. Eis uma questão importante: as pessoas querem compartilhar de tudo o que aconteceu nessa história. Tirarão dela um prazer que não gostariam de admitir.** (SANT'ANNA, 1994, p. 74-75, grifos nossos).

Há neste trecho duas questões importantes com relação ao sadismo do público e da manifestação do Mal. A primeira diz respeito ao sadismo, de certo modo, no sentido primordial do conceito, relacionado com a questão sexual, quando o então condenado recebe propostas amorosas de mulheres que se atraíram por suas práticas imorais do ponto de vista social. A segunda, e mais importante, seria o prazer que as pessoas tendem a possuir, embora não admitissem, em conhecer os fatos indecorosos, violentos e imorais que circundam a morte de Frederica Stucker. O que tem se levantado em todo o desenvolver deste presente artigo, regulamenta-se na afirmação de Antenor ter recebido propostas de editoras, e também ter sido procurado pela própria revista jornalística, pois sua história “seria de grande interesse para os leitores” (SANT'ANNA, 1994, p. 75).

De fato, há uma construção narrativa, tanto interna quanto externa, com a qual Sérgio Sant'Anna trabalha no conto “O monstro” que gira em torno, declaradamente, do leitor imaginário – na lógica interna da narrativa, logo, da Revista *Flagrante* – e do leitor real, pertencente ao mundo real. Ambos os receptores tendem a apreciar a narrativa que tematiza a violência e o Mal dito, configurando um caráter sádico e voyeurista nestes.

## Considerações finais

Na narrativa exposta de Sérgio Sant'Anna, célebre contista brasileiro da contemporaneidade, a representação de fatos indecorosos, sob a perspectiva do lado do acometedor em primeira pessoa, auto e homodiegético, provoca inúmeras acepções de leitura, dentre as quais, optou-se pela concepção de prazer sádico no âmago da recepção, logo, do leitor. As estruturas jornalística e testemunhal operadas no conto "O monstro" evocam a possibilidade do real, da verossimilhança, corroborando, assim, para a sistematização do efeito sádico, prazer em se conhecer o sórdido e o maléfico que se procedeu.

Para além, tanto autor quanto narrador questionam o voyeurismo do público, do fetiche em se conhecer esse mal e estar, de certa forma, presente defronte atos bárbaros e chocantes. A ideia do sadismo social, manifesta a abstração de que o homem, ou melhor, a sociedade como um todo, aprecia esse mal e sente prazer ao conhecê-lo e/ou revivê-lo. Neste cerne, a revista *Flagrante*, representando a mídia sensacionalista, bem como o próprio conto estudado satisfazem esse prazer do público (ou públicos), apresentando histórias funestas e violentas como a de Antenor, Marieta e Frederica. Em síntese, a estruturação da obra de Sérgio Sant'Anna na forma de uma entrevista jornalística e testemunhal, trazendo para si uma validação, veracidade que se aproxima do real, acentua ainda mais esse sadismo ao se ler um texto carregado de violência.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Marine Souto; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Aspectos da ficção contemporânea na pós modernidade: uma leitura do conto "O monstro", de Sergio Sant'Anna. *Cerrados*, Brasília, v. 19, p. 319-331, 2010.
- BARBOSA, Aline Leal Fernandes. *Sob o Sol de Hilda Hilst e Georges Bataille*. 2017. 182 f. Tese (Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o Mal*. Tradução de Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- CASTRO, Catarina de. Cômico. In: CEIA, Carlos (coord.). *E-Dicionário de Termos Literários*. [S. l.: s. n.], 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/comico/>. Acesso em: 9 set. 2020.
- COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática, 1993.

- FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Coleção Ditos e escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 28-46.
- GRACIANO, Igor Ximenes. O mal narrado: voyeurismo e cumplicidade na narrativa de “O monstro”, de Sérgio Sant’Anna. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.º. 28. Brasília, jul./dez. de 2006, p. 97-111, 2006.
- GRUBER, Daniel Fernando; SARAIVA, Juracy Ignez Assmann. A narrativa literária no conto-reportagem: jornalismo e literatura na Revista Realidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA – CULTURA E LITERATURA: REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO, 5., 2013, Novo Hamburgo. *Anais [...]*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p. 1-15. Disponível em: <https://bityli.com/1nE6I>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã ou Matéria, Palavra e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. Tradução de Rosina D’Angina. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- LACOSTE, Jean-Yves; O’DONAVAN, Olivier. Mal. In: LACOSTE, Jean-Yves (org.). *Dictionnaire critique de théologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2007, p. 832-835.
- LAVORATI, Camila; TEIXEIRA, Nírcia Ribas Borges. Confluências entre literatura e jornalismo, um estudo de 1968: o que fizemos de nós. *Verso e Reverso Revista da Comunicação*, v. 23, n. 52, ano XXIII, jan./abr., 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/5788/3014>. Acesso em: 21 jul. 2020.
- LOPES, Paula Cristina. Linguagem literária e linguagem jornalística: Cumplicidades e distâncias. *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*, Covilhã, 2010, p. 1-8. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lobes-cumplicidade.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.
- MENDES, João Maria. *Por Quê Tantas Histórias: O Lugar do Ficcional na Aventura Humana*. Coimbra: Minerva, 2001.
- PONTE, Cristina. *Leitura das Notícias: Contributos para uma Análise do Discurso Jornalístico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- SANT’ANNA, Sérgio. O monstro. SANT’ANNA, Sérgio. *O monstro: três histórias de amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 39-80.
- SANTOS, Luís Alberto Brandão. *Um olho de vidro: a narrativa de Sérgio Sant’Anna*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2000.
- SELLIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura, testemunho e tragédia: pensando algumas diferenças. SELLIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SELLIGMAN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 2003.
- WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

**Artigo recebido em julho de 2020.  
Artigo aceito em setembro de 2020.**